

DESGOVERNOS

Marcos Del Roio
Prof. de Ciências Políticas da UNESP

Mais uma vez as três universidades públicas do estado de São Paulo encontram-se em greve. Professores, servidores e estudantes paralisaram as suas atividades profissionais cotidianas. Há motivo para esse movimento paredista? Sim, sem dúvida, e muito motivo. Não é simplesmente pela indecorosa proposição dos três reitores de congelar os salários dos trabalhadores (professores e servidores). A motivação da greve é contestar os rumos que a Universidade pública está a seguir nos últimos 20 anos de (des) governo tucano.

Aos poucos o endereço dado pela Constituição brasileira para uma Universidade pública, gratuita e de qualidade, voltada para a pesquisa, ensino e extensão vem sendo corroído. O objetivo da Universidade pública é, ou deveria ser, a produção de cultura, ciência e tecnologia voltada para o desenvolvimento cultural e científico do País, e quando se diz País se refere à grande maioria que vive do trabalho. Ora, a Universidade pública cresceu muito, mas muito aquém da necessidade e muito menos do que o ensino superior privado, que não faz pesquisa, não oferece extensão, nem qualidade e assistiu um crescimento explosivo, por se um negócio bem lucrativo.

Mas como foi o crescimento da Universidade pública em São Paulo? Foi feita sem planejamento e sem recursos adicionais, além de ter seguido interesses políticos dos mais tacanhos. Assim forma abertos Faculdades e cursos sem qualquer infraestrutura, sem laboratório, sem biblioteca e sem professores, mera demagogia pra angariar votos. Mesmo o acordado não foi cumprido: o governo do estado se comprometeu a repassar uma verba para que a implantação das novas estruturas fosse mais ágil, mas não o fez.

O resultado disso é bastante óbvio: os professores e servidores da Universidade pagaram a conta, com a compressão do seu salário e com enorme aumento da carga de trabalho. Tem então menos renda, mais trabalho, pior saúde psíquica e física. O aumento da carga de trabalho poderia ser controlado caso houvesse contratação de novos professores e servidores para acompanhar o crescimento. O crescimento no número de estudantes foi exponencial, enquanto o número de trabalhadores (professores e servidores) permaneceu relativamente estável.

As três Universidades recebem bastante dinheiro público, isso é certo, mas há problemas nessa afirmação: a distribuição dos recursos deve ser repensada, considerando que a USP recebe mais que a metade desses recursos; os recursos podem e devem ser maiores (como já foram); e principalmente deve se discutir como esses recursos são gastos, o que implica colocar em questão a organização e os objetivos da Universidade. O que se quer é uma Universidade democrática, que cuide dos interesses coletivos de seus trabalhadores (professores e servidores) e de seus estudantes, o que inclui infraestrutura, assistência e salário condignos. Mas isso não é possível com direções oligárquicas, que se articula com interesses do poder político e

empresarial, que manipula informações a fim de comprimir o salário e a saúde de seus trabalhadores, um verdadeiro desgoverno.